

Sociedade, *vigencias* e educação – corintianos no Japão¹

Chie Hirose²

Jean Lauand³

Resumo: Este estudo, notas de comunicação oral no “II Encontro Cemoroc Educação, discute – a propósito da massiva presença de torcedores brasileiros no Japão - algumas formas básicas de convívio social e linguagem: *vigencias* típicas do Brasil e do Japão.

Palavras Chave: Formas Sociais. Linguagem. Educação. Antropologia. Brasil. Japão.

Vigencias and Education: Brazil and Japan

Abstract: This paper, originally a communication to the “II Encontro Cemoroc Educação: O conhecimento pedagógico e seus limites”, discusses some basic social forms of behaviour and language: typical *vigencias* (Ortega) of Brazil and Japan.

Keywords: Social forms. Language. Education. Anthropology. Brazil. Japan.

Para a Antropologia são de extrema importância situações nas quais ocorre um encontro de grupos sociais com tradições e formas culturais distintas: dá-se a ocasião – se tudo corre bem – de adquirir consciência da relatividade dos próprios valores, de abrir-se à visão de mundo do Outro e de uma melhor compreensão da própria. O que pode proporcionar *eo ipso* um grande enriquecimento educacional.

É a situação que se dá no próximo mês de dezembro, por ocasião da ida de milhares de torcedores corintianos ao Japão (entregamos este artigo antes do evento). Começamos com um casal que tem protagonizado esse intercâmbio de valores. Nestas semanas que antecedem o Mundial de Clubes da Fifa, a pedido da filial da Gaviões no Japão, o casal Roberto Casanova e Mika da Silva (ele brasileiro, ela tipicamente japonesa) realizou a proeza de traduzir para o japonês o hino do Corinthians, versão que já conquistou a Fiel.

Mika saiu-se muito bem, mas confessa que a tarefa foi trabalhosa. Afinal, o habitual ranço das letras de hinos é acentuado pelo fato de “Salve o Corinthians” ser já sexagenário: como contornar o verso:

“Figuras entre os primeiros do nosso esporte bretão”?

A solução, no caso, foi feliz, afirmando simplesmente a grandiosa primazia do Timão:

Kono sekai deno hajimete no hito Corinthians idaina.

Se Roberto e Mika parecem ter tido êxito em suas vidas na transposição de barreiras culturais; para a nação corintiana, mais difícil do que chegar ao Mundial de Clubes é o desafio de adaptar-se, mesmo que por poucos dias, ao antípoda geográfico e, sobretudo, cultural.

Certamente, é muito problemática a generalização “o brasileiro” (e “o japonês”), quando aqui a utilizarmos será com o suposto das mil ressalvas

¹. Originalmente, conferência dos autores no “II Encontro Cemoroc Educação: O conhecimento pedagógico e seus limites”. São Paulo, 20-12-2012.

². Doutora em Educação pela Feusp e cursando Pós-doutorado na Feusp. Mestre em Antropologia pela Univ. de Hiroshima.

³. Prof. Titular Sênior da FEUSP e do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da Univ. Metodista de São Paulo.

metodológicas impostas pela Antropologia. Na prática, ao falarmos desses “tipos” é no sentido, mais potável cientificamente, de *vigência* (Ortega), aquilo que “se da por suposto” no convívio social: o que se deve e se pode (ou não) fazer; o que é aceito ou não por uma sociedade.



www.portalnikkei.com.br/mundial-de-clubes-hino-do-corinthians-e-cantado-em-japones-pela-dupla-mika-da-silva-e-roberto-casanova/

Um exemplo é o daquele nosso colega coreano, que confessou a dificuldade, nos primeiros tempos de Brasil, para conseguir seu *breakfast*: onde conseguir peixe e arroz em um país no qual a vigência alimentar impôs até o nome de “*café* da manhã” à primeira refeição. Finalmente adaptado, hoje saboreia sua média com pão e manteiga, disponíveis a rodo em qualquer padaria da esquina.

Preocupado com os imensos problemas (diplomáticos, policiais etc.) que os cerca de vinte mil torcedores que se dirigem ao Japão poderiam sofrer por conta do choque cultural, a representação diplomática do Brasil no Japão publicou um Guia, o “Guia do Torcedor” (<http://www.consbrasil.org/evento/GuiaTorcedor.pdf>), facilitando informações básicas para orientar o “bando de loucos” e adverti-los do risco de ignorar as vigências do país que os recebe. Apesar do que digam as torcidas adversárias do Corinthians, a cautela não se aplica propriamente à Fiel, mas aos hábitos de linguagem de todo o brasileiro. Orientações turísticas europeias costumam lembrar ao visitante estrangeiro, por exemplo, que ele não se espante com o grau de intimidade brasileira ante desconhecidos, que os faz beijarem e abraçarem estranhos já no primeiro contato de uma apresentação formal.

Sempre tendo em conta as ressalvas metodológicas a que já nos referimos, passaremos a falar de “o brasileiro” e de “o japonês”. Contando com a benevolência do leitor, ainda aplicaremos a esses “tipos” nacionais (às *vigências* nacionais), a tipologia de David Keirsey, um instrumento de análise do renomado psicólogo americano, originalmente desenvolvido somente para classificação de temperamentos de indivíduos...

Keirsey, que modifica as ferramentas teóricas dos *Tipos Psicológicos* de Jung, trabalha com 4 pares de preferências, que dão origem a 4 tipos de temperamento.

Assim, seguindo as abreviaturas de Keirsey, o brasileiro é fundamentalmente P, enquanto o japonês é tipicamente J. A oposição J/P corresponde à preferência pelos procedimentos estabelecidos, determinados, agendados, previstos, planejados, fechados (J) em oposição ao *easygoing*, aberto, indeterminado, que configura a preferência P.

Só com enunciar esse par keirseyano, já se vê imediatamente que o jeitinho brasileiro tem um componente essencial no fator P.

Daí que a abertura do Guia seja já uma advertência:

“o japonês não lança mão de artifícios para resolver problemas. Não existe o ‘jeitinho brasileiro’ no Japão. Os transportes são pontuais, os hotéis só atendem com reserva e os restaurantes não mudam seus pratos a gosto do cliente.”

Outro par, F/T, é também distintivo: o brasileiro propende fortemente ao F; o japonês, ao T. F é a tendência a abordar as situações a partir de uma perspectiva pessoal, afetiva, priorizando laços emotivos que nos ligam às pessoas envolvidas no contexto; enquanto T é a abordagem fria e objetiva, impessoal, na qual prevalece a norma e não as condições pessoais dos envolvidos. O fator F é a outra metade essencial do jeitinho.

Os clássicos Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda já há muito apontaram esse caráter F do brasileiro (para o bem e para o mal) e algumas de suas manifestações em nosso modo de falar, algumas compartilhadas com Portugal.

O uso e abuso dos diminutivos, transbordando afetividade: até nossos mais famosos criminosos e contraventores são Fernandinho, Carlinhos, Marcinho e os sangrentos espetos da churrascaria nos oferecem fraldinha, maminha, coraçãozinho, lombinho... A colocação do artigo antes do nome próprio (“Me chama o Roberto”, “Encontrei a Fabiana”); ou a substituição afetiva do nome pela primeira sílaba (“Me chama o Rô”, “Encontrei a Fa”. A ênfase pessoal, proibida pela gramática em Portugal, na colocação do pronome oblíquo (“Me chama o Roberto”, em vez de “Chama-me o Roberto). Também a encantadora locução “estar com”, que o brasileiro inventou para substituir o duro e frio “ter”: Você está com tempo?; está com dinheiro?; está com carro? (em vez de: tens tempo, tienes tiempo etc.). E tantos outros aspectos que Lauand analisou no No. 70 da Língua Portuguesa: “A linguagem esconde-revela o brasileiro”.

Embora a afetividade e o calor humano sejam virtudes muito brasileiras, nossas formas verbais nem sempre são adequadas.

Os estrangeiros sempre se chocam com o péssimo hábito brasileiro de colocar o eu em primeiro lugar numa enumeração: “Eu e Fulano ganhamos um prêmio”, “Eu e Beltrano vamos fazer tal coisa”. O hábito é tão arraigado que torna incompreensível para nós uma piada do Chaves:



Chaves: Eu e o Quico estamos brincando de esconde-esconde...

Prof. Girafales: Chaves, não é assim que se diz, mas: “O Quico e eu estamos brincando de esconde-esconde...”

Chaves: O senhor também está brincando de esconde-esconde com o Quico?

E nossa forma de manifestar apreço por uma visita que se despede não é, no fundo, polida. Dizemos: "Vê se aparece!" (com o que - consciente ou inconscientemente - parece afirmar: nós somos pessoas muito importantes, interessantes, bonitas... e autorizamos você - que não é nada disso... -, a vir ver-nos...). Já o árabe despede-se da visita dizendo: *Ismah lana nashufak!* - Permita que nós o vejamos (você é a pessoa importante, etc.).

E no caso em que alguém nos pergunta se pode pedir um favor, no máximo respondemos: "Claro que sim!", "Tudo que você quiser!" (ou com uma pitada de gozação: "O que é que você não pede chorando, que eu não faça sorrindo..."). Na mesma situação, o árabe diz: "*Anta gally wa talibuka rakhiz*" ("você é caro e seu pedido é barato") ou '*Aynani* (os meus dois olhos).

Já a conhecida fórmula japonesa de gratidão, *arigatô*, é imensamente refinada, aprofundando no sentido do nosso "obrigado". *Arigatô* remete aos seguintes significados primitivos: "a existência é difícil", "é difícil viver", "raridade", "excelência (excelência da raridade)". Os dois últimos sentidos são imediatamente compreensíveis: num mundo em que a tendência geral é a de cada um pensar em si, e, quando muito, regular-se as relações humanas pela estrita e fria justiça, a excelência e a raridade salientam-se como característica do favor. Mas, "dificuldade de existir" e "dificuldade de viver", aprofundam sutilmente: a tradição japonesa considera qualquer favor uma dívida impagável e a pessoa agradecida tem a consciência de quão difícil se torna a existência, pois a partir do momento em que recebeu tal favor, imerecido, contraiu uma dívida de retribuição, sempre impossível de quitar...

Em boa medida, nosso lado F, sensível, é herdado de Portugal. Também lá, há o acentuado cuidado de não ferir, não magoar o interlocutor. Duas formas portuguesas são notáveis nesse sentido: "por acaso" e "já agora". O brasileiro muitas vezes se surpreende com o fato de "por acaso", em Portugal, significar, por vezes: não por acaso. Caricaturizando, a alguém que está pisando fortemente no pé do outro no ônibus lotado, pode-se dizer quando a dor se torna insuportável: "Olhe lá, não quero estar a magoar mas, por acaso, o meu pé está por baixo do seu e, por acaso, não é que esteja a magoar, mas...". Ninguém tem culpa de nada: você me acertou um tiro e por acaso está a sangrar...

"Já agora" não é pleonismo, mas indica alguma coisa que vai já que se está com a mão na massa, vai no embalo (e, portanto, não é vontade nem responsabilidade de ninguém...): "Já agora, mais uma garrafa..."

Essa vontade de evitar atritos, aparar arestas, evitar conflitos, junta-se ao formalismo lusitano, objeto da verdadeira piada de português, clássica na Europa, que (ao contrário das tolas e grosseiras anedotas tupiniquins) acentua o cerimonialismo que os distingue. A piada é evocada até na *Rebelião das Massas* de Ortega. O português comprou um papagaio que vivia repetindo que queria ir para Paris, que ia para Paris... até que, finalmente, o dono se chateia e diz: "Vossa Excelência irá para onde o levem"

Ao P e F, juntem-se as preferências keirseyanas E, de extroversão (em oposição ao caráter reservado e zeloso pela privacidade do japonês) e S (de ater-se à realidade fática) e teremos o quadro completo do caráter explosivo da presença da corintianada no Japão.

Claro que há cativantes e inegáveis virtudes no ESFP (o tipo keirseyano do "brasileiro"): o proverbial calor humano que permeia nossas relações, a alegria, a espontaneidade, a generosidade e, para o bem e para o mal, a informalidade e a irresistível vocação lúdica etc.

O problema é que há também disfunções típicas nesse perfil, a começar pelo pouco senso de privacidade: o brasileiro expõe suas preferências e até o nome dos filhos em adesivos do carro; fala no celular de seus problemas familiares em alto e bom som, sem se importar com o fato de estar rodeado de desconhecidos; e é capaz de abrir sua intimidade com o primeiro que senta a seu lado no metrô, como se mostra no recente livro “Entre o trem e a plataforma”, de Lucimar Mutarelli. Já no Japão, não se fala ao celular em transportes coletivos, ninguém se expressa ruidosamente em público e o apreço pela privacidade leva os leitores a encaparem os livros que lêem no ônibus, trem ou metrô. É a oposição entre o “exibido” e o “reservado”.

Outra disfunção do ESFP, chocante, no caso, é a tendência a ser “folgado”, a resolver tudo com “esperteza”. Imaturidade, irresponsabilidade e impulsividade são outras disfunções que Keirseey aponta como próprias de nosso tipo SP.

Se no Brasil, nossas vigências legitimam muito dessa expansividade brincalhona; no Japão, território T e F, não funciona. Daí que por via das dúvidas o Guia, advirta por exemplo: “Evite falar alto nos transportes públicos, batucar [sic] ou tocar qualquer tipo de instrumento. Você pode ser retirado do local.”

Por detrás da seriedade do Guia (documento referendado pelo selo do Ministério de Relações Exteriores) e suas advertências, pressente-se um toque do lúdico brasileiro em seu autor (há impagáveis ícones, como o que instrui o torcedor a não pular em cima dos assentos do estádio), bem na linha do genial samba de Billy Blanco: “Estatutos da gafeira” (1954):

Moço, olhe o vexame
O ambiente exige respeito
Pelos estatutos da nossa gafeira
Dance a noite inteira, mas dance direito
Aliás, pelo artigo 120
O distinto que fizer o seguinte:
Subir nas paredes
Dançar de pé pro ar
Morar na bebida sem querer pagar
Oi, abusar da umbrigada de maneira folgazã
Prejudicando hoje o bom crioulo de amanhã
Será distintamente censurado



Essa aparência de formalismo (as rebuscadas firulas, floreios e rapapés do bacharelismo a que se referia o ministro Joaquim Barbosa) é parte do humor de certas piadas, assim revestidas de “caráter oficial”, de “credibilidade”, que potenciam a zoadas e fazem a vingança da informalidade destes trópicos: “Embora o Brasil seja um Estado Laico, a CNBB conseguiu aprovar uma novo feriado religioso: *Porcus Tristis*” (alusivo ao rebaixamento do Palmeiras)” ou “- Você viu que o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente, o Ibama, está processando a Mancha? - Ah é, por que? Porque está extinguindo gambás e bambis”.

A crua clareza do Guia é necessária ante o temor de nossas autoridades diplomáticas:

 gorjeta e não há 10% nas contas de restaurantes e bares.

O QUE O CONSULADO PODE E NÃO PODE FAZER PELO BRASILEIRO

A função do Consulado é atender os brasileiros no país zelando pela sua segurança e bem-estar, prestando assistência aos desvalidos e providenciando a impressão de passaportes perdidos ou danificados. O Consulado não pode assumir dívidas de brasileiros, emprestar dinheiro, pagar a contratação de advogados, retirar detidos das delegacias e prestar informações de natureza turística ou de serviços. Os telefones do plantão consular estão na página 21.

15

A boa zoadas não é ostensivamente agressiva, mas disfarça-se de cordialidade e, como sempre, com um toque de lúdico, tal como na nova forma de mandar tomar no c&: “Ei, Fulano, vai tomar...”. Não se trata do insulto furioso, mas de uma ocasional lembrança. O treino acabou, o técnico já está indo embora, os jogadores o chamam: - Professor, ei professor... (como que para adverti-lo, por exemplo, de que esqueceu o celular ou a toalha). Ele para, dá marcha a ré, abre o vidro e ouve: “Ei, professor, vai...”.

No caso do Mundial, qualquer palmeirense que se preze dirá: “Embora deseje todo o sucesso ao Corinthians, neste caso, vou torcer pelo Chelsea, sabe como é, minha tia avó é inglesa e sou Chelsea desde criancinha”.

Recebido para publicação em 13-11-12; aceito em 12-12-12